

Missão Sarney

PAULO LUSTOSA

“O destino não consiste naquilo que temos vontade de fazer, mas reconhece-se e mostra seu claro e rigoroso perfil na consciência de termos que fazer o que não temos vontade de fazer”.

Ortega Y Gasset

O legado de Tancredo Neves é mais que uma dádiva gigantesca à sociedade brasileira: é um desafio intransferível que o destino impôs a José Sarney. Aos 55 anos — que a mesma fatalidade o fez celebrar à beira do túmulo de Tancredo —, Sarney tem diante de si todas as esperanças e expectativas de uma nação órfã, informada com a perda de seu grande líder, embora suficientemente madura para extrair do dramático episódio lições de sabedoria.

O cortejo doloroso das massas — em São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e São João Del Rey — mostrou-nos um país novo, desejo de participar, in-submisso a tutelas. Um país, enfim, inteiramente imunizado contra aventuras golpistas. Seu desejo: ver as mudanças concebidas por Tancredo Neves — e substanciadas no documento da Aliança Democrática — postas em prática. E mais: em clima de ordem e tranqüilidade — como aliás o próprio povo nos ensinou, ao longo dos comícios da gloriosa campanha presidencial.

Esta a missão Sarney: consolidar a Nova República, fiel à orientação que nos deixou seu grande arquiteto. Para tanto — e esse é um dever que o mais elementar senso de patriotismo impõe —, deverá estar livre de tutelas e pressões, para exer-

cer, na plenitude, suas responsabilidades constitucionais. A classe política cabe — sem prejuízo de sua missão fiscalizadora — dar-lhe o crédito mínimo e garantir-lhe o clima necessário ao cumprimento de sua espinhosa missão.

Dentro desse contexto, soam desafinadas (e suspeitas) as teses — há diversas — em torno da ilegitimidade do mandato do novo Presidente. Argumenta-se que, sem Tancredo, os prazos da transição devem reduzir-se. E ainda: que o cronograma da Nova República só teria sentido com ele. Ora, o senso comum repele tal raciocínio. Por maior que sejam as personalidades, não se constrói uma democracia — que se deseja sólida, duradoura — sem que as instituições sejam cultuadas como valor máximo. “Os homens passam, as instituições ficam”, lembrou-nos há pouco Ulysses Guimarães, com todo o peso de sua sabedoria política.

Questionar a legitimidade de Sarney — e, por exten-

são, negar-lhe o crédito necessário ao cumprimento de sua missão — é trair a memória de Tancredo, manchar o seu legado. Tancredo e Sarney foram eleitos no bojo de uma campanha política que virou o País pelo avesso, colocou o povo nas ruas e exibiu-lhe o próprio perfil. Foi, no dizer do mesmo Ulysses Guimarães, o novo **Grito do Ypiranga**. O Brasil redescobriu-se e depositou o seu futuro na pregação da Aliança. Os mesmos votos que elegeram Tancredo elegeram Sarney. E a missão de ambos estava nitidamente definida. Quis o destino que Tancredo nos deixasse de maneira dramática. E o seu martírio acabou dando relevo ainda maior à missão da Nova República. As expectativas redobram-se, a vigilância aumenta. Mas a esperança continua. Cabe-nos — aos políticos — não deixá-la morrer.

Os (poucos) que acham Sarney inferior à sua missão desafiam os designios do próprio destino. E, de que-

bra, exibem vasta ignorância. Poucas carreiras políticas foram forjadas em desafios tão ricos como a desse maranhense. Soube enfrentá-los um a um, colhendo vitórias e revezes, e extraindo de ambos lições de sabedoria. O próprio desfecho de suas ligações com o PDS ensejou-nos o conhecimento de sua bravura. Ali, ele correu todos os riscos. E não foram inferiores aos que correu o inesquecível Tancredo Neves, quando abdicou do Governo de Minas para a redentora campanha civilista da Nova República. Em ambos os casos, o revés seria fatal, inexorável, massacrante. Que futuro aguardaria ambos se a campanha naufragasse? Esse risco existia e o seu fantasma povoou de insônias as noites de ambos.

A perda de Tancredo é, indiscutivelmente, uma provação dolorosa para todos nós. Temos, porém, que transformá-la em matéria-prima de trabalho, incorporá-la à nossa experiência de vida. Consola saber que seu legado — o da conciliação e da decência na vida pública — está em boas mãos. José Sarney — poeta, humanista — mostrou-nos que está plenamente consciente de sua missão histórica. Teve a humildade dos grandes estadistas para, diante do desafio que se lhe apresentava, pedir ajuda. Os democratas de verdade não irão recusá-la. Afinal, este é um jogo em que não há meio-termo: ou todos perdem, ou todos ganham.

Paulo Lustosa, deputado federal, é ministro extraordinário da Desburocratização.

